

FERNANDO ALVIM

AMO-TE PARA SEMPRE



CONTOS DIGITAIS



CONTOS DIGITAIS

FERNANDO ALVIM

AMO-TE PARA SEMPRE

escritório
editora



— • —

Lista de autores, por ordem de saída dos contos:

*Pedro Paixão | João Tordo | Rui Zink | Luísa Costa Gomes | Eduardo Madeira | Inês Pedrosa
Afonso Cruz | Gonçalo M. Tavares | Manuel Jorge Marmelo | Mário de Carvalho
Dulce Maria Cardoso | Pedro Mexia | Fernando Alvim | Possidónio Cachapa | David Machado
JP Simões | Rui Cardoso Martins | Nuno Markl | João Barreiros | Raquel Ochoa | João Bonifácio
David Soares | Pedro Santo | Onésimo Teotónio Almeida | Mário Zambujal | Manuel João Vieira
Patrícia Portela | Nuno Costa Santos | Ricardo Adolfo | Lídia Jorge | Sérgio Godinho*

Para aceder aos restantes contos visite: [Biblioteca Digital DN](#)

Contos Digitais DN

A coleção **Contos Digitais DN** é-lhe oferecida pelo **Diário de Notícias**, através da [Biblioteca Digital DN](#).

Autor: Fernando Alvim

Título: Amo-te Para Sempre

Ideia Original e Coordenação Editorial: Miguel Neto

Design e conceção técnica de ebooks: Dania Afonso

ESCRITÓRIO editora | www.escriptorioeditora.com

© 2012 os autores, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, ESCRITÓRIO editora

ISBN: 978-989-8507-21-1

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio, sem o consentimento expresso dos autores, do Diário de Notícias e da Escritório editora, abrangendo esta proibição o texto e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

sobre o autor

— • —

Fernando Alvim

É fundador e ideólogo da *revista 365*, do Festival Termómetro, dos Monstros do Ano, do Festival Alternativo da Canção, da Grande Regata de Barquinhos a Remos e do Torneio de Golf para Nabos. Já lançou mais de 5 livros em nome próprio e outros tantos pela editora que dirige, a Cego, Surdo e Mudo. É criador e diretor da speaky.tv e colunista nos jornais *I*, *metro* e na revista *Playboy*. Apresenta, há mais de 10 anos, o programa Prova Oral, na Antena 3. Em televisão, apresentou os programas Curto Circuito, Cine XL, O Perfeito Anormal (criador), Boa Noite Alvim (criador), 5 Para a Meia-Noite e prepara agora o regresso para o início do ano. Desenvolve o blogue esperobemquenaio.blogspot.com e o seu último livro chama-se *Não és tu, sou eu* (2012).

Amo-te Para Sempre

— • —

Fernando Alvim

Vou ser breve porque sei que não têm muito tempo. A minha história é esta, não é uma história que irá mudar as vossas vidas, nem tão pouco ser referida nos jornais (a não ser neste), é uma história que mudou a minha, que me aconteceu a mim e decidi agora divulgá-la porque tenho duas pessoas de arma em punho que a isso me obrigam. Eu conto, já disse. Foi num dia normal, tive um pequeno-almoço vulgar em que comi pão de centeio e compotas variadas compradas na véspera. Adoraria dizer o tempo que fazia com pleonasmos sensacionais, mas honestamente não me lembro de como estava e não me importo com isso, apenas com estes quatro canos que me estão agora apontados. A verdade é esta: 1 — Saí de casa; 2 — Nesse dia tive reuniões promissoras que mais tarde viriam a revelar-se inócuas e escusadas; 3 — Não me lembro; 4 — Lembro sim, no caminho para casa, ao final do dia, o que realmente pensava era em enfiar-me no sofá (eu sei, é vulgar, o que é que querem?) e não ver telejornais e não acreditar em nada que me dissessem e fazer de conta que o mundo era sempre aquilo que me haviam dito para sonhar (sim é cliché, mas, com diabos, foi isto que aconteceu, não tenho rodriguinhos para encher o texto. Ou se calhar até tenho. Querem que o faça? Digam-me lá. Posso fazer, não me custa nada. Querem ver? Olhem que lindo: o dia corria lento, os campos eram de uma imensidão imensa e apadrinhavam o lago órfão que bracejava o dia anterior; por Deus, não me obriguem a isto, deixem-me lá contar como foi). E foi assim: O telefone tocou uma, duas vezes e eu, à segunda, atendi. Fi-lo a pensar que era uma amiga que me havia dito que num dia destes me haveria de dar um filho com o nome de Eduardo. Não era. Era um amigo, sim, mas daqueles a quem dizemos que um dia vamos almoçar, sabendo que isso é só uma desculpa para nunca o fazermos e andarmos para a

frente que os bancos fecham às três. Disse-lhe que estava estafado, que já não sairia de casa, que me apetecia morrer, mas a sua insistência e o meu bom dia capilar convenceram-me do contrário. Saí de casa, portanto, contrariado, portanto, como um puto a quem a mãe diz que ainda tem que fazer os deveres antes de ir para cama — amuado, portanto — mas fui. Fui mesmo. E depois de um jantar em que mais não fiz do que pedir a conta e dizer que se calhar já ia para casa, fui convencido por dois cristãos não praticantes a ir sorver com delicada minúcia um vinho branco do Douro — primeiro Quinta do Pinto, depois Vila Real (eis o patrocínio desta história) e depois um Licor Beirão com duas pedras de gelo (este conto está pago). A noite não ia longa, o meu amigo estava a atravessar uma fase complicada depois de ter ido para a cama com duas novatas raparigas ao mesmo tempo e, uma vez ali, só pensar nos filmes do Danny DeVito. Disse-lhe que se havia divorciado — o DeVito, entenda-se — que o meu preferido sempre tinha sido o Jackie Chan e que uma vez — Deus me perdoe — tinha feito amor com a minha mulher pensando na Bo Derek na cena em que ela dá uma volta à arena de cascais montada num cavalo e absolutamente desnudada. O meu amigo falou-me do milagre de Fátima, dos pastorinhos, da água milagrosa e sob a égide da irmã Lúcia pediu gin para os dois, solicitando com perícia profissional duas pedras de gelo. Foi aí que ela entrou — juro que foi aí que ela entrou — e, ao contrário dos contos convencionais, não me apaixonei à primeira vista porque nem sequer a vi. Tivesse visto e, sim, teria. Mas não vi. Vamos cá ver, ouvi-a. Quando muito poderá ter sido amor à primeira audição. E isto porque foi indisfarçável a sua entrada, o ar atabalhado com que o fizera, os dois aquecedores verticais no chão depois da sua passagem, o alarme a tocar em sinal de incêndio, os seguranças a ocorrerem com celeridade ao local na tentativa de impedir que chamas consumissem, com fome de final de dia, a decoração de Halloween deixada na noite anterior. E com isto disse que era início de Novembro (não fiz de propósito e se o digo é porque de facto aconteceu). E quando se abeirou do bar — e isto é também verdade — o meu instinto natural foi ligar aos bombeiros voluntários mais próximos. E enquanto não a atendiam fixei-me nela e na indumentária cósmica que trouxera e me fazia viajar para Marte, para a Lua e para aquele planeta que dizem ser igualzinho ao nosso, mas a mil anos de distância. Há mulheres com a distância deste planeta. E pensando nisto, lembrei-me que poderia convidá-la a alinhar chacras um dia destes. Ela ainda não tinha parado de ajeitar-se desde que entrara como se o balcão do bar fosse um espelho. Eu também não, como se estivesse ao espelho, a esse espelho, a compor o nó da gravata instantes antes de ir para o casamento de um primo afastado. Perguntei-lhe de onde vinha, o que fazia ali, de onde era. Ela respondeu-me a tudo como se de um interrogatório se tratasse. Perguntou-me: Devo responder a verdade, inspector? Disse-lhe que sim, que o fizesse, caso contrário o que ali me revelasse podia muito bem ser usado contra si um dia destes. Disse-lhe também isto: Ouça, uma mulher tão bonita, tão

perspicaz, tão inteligente e no entanto com a sua idade e sozinha, deve ter uma história para me contar. Primeiro, silêncio. Depois ficou a olhar para mim como se eu tivesse um pedaço de comida entre os dentes. Depois recuou olhando sempre fixamente e, finalmente, após de uns bons dois minutos, quando pensava que tiraria *spray* de pimenta da carteira e premiria o dispositivo, decidiu rir-se e responder-me que sim (tinha, estão a ver). E, com verdade, contou-me a sua história, mas jurei-lhe tanta confidencialidade que sou incapaz de aqui a reproduzir. (A literatura pode às vezes ter princípios, ouviram? Não tem que se contar tudo só porque se está a escrever. Isto de escrever não é como estar embriagado. Um bêbado sim, diz tudo tal como um louco. Aliás, a diferença entre um louco e uma pessoa normal, é que esta primeiro pensa e depois fala e o primeiro faz justamente o oposto. Daí gostar tanto do primeiro; enfim...). As horas passaram, já nem sequer estávamos no bar, já nem sequer estávamos no carro, já nem sequer estávamos a tomar o pequeno-almoço, estávamos, isso sim, a ler os classificados no jornal e a comentar que os anúncios de cariz sexual tinham mudado de estratégia. Anteriormente, em quase todos eles, anunciava-se com grande relevo que se daria uma segunda oportunidade. Disse-me: É tão nobre dar uma segunda oportunidade a alguém, sobretudo quando tudo acaba tantas vezes de forma tão precoce — riu-se. Não tenho dúvidas — respondi-lhe — mas agora a estratégia mudou. As raparigas que aqui vendem o corpo, não só dão uma segunda oportunidade, como todas revelam que só ali estão por dificuldades económicas. Acho que isso deve funcionar como um excitante para o possível cliente. Pensar que pode ser uma oportunidade única, que passada a crise — e se não fosse ela — não teria tamanha chance. Mas adiante. Aquele dia tinha acabado e os dias sucederam-se como já vem sendo hábito no calendário. Os nossos encontros também. As conversas foram ficando cada vez melhores e insanas como se passássemos a vida a dançar à chuva e a faltar ao emprego. E o desejo? — perguntam. O desejo também, mas não de uma forma plural, como eu desejaria. Era o meu desejo que crescia, entendem? E de que cada vez que a via, ele tornava-se insustentável como o Ambiente para Al Gore. Pensam que não falo a sério, não é? Mas falo. Bastava um “Olá, como estás?” e era certinho que imaginava a sua boca na minha, um “Podíamos ir tomar qualquer coisa” e já estaríamos na cama de um quarto de hotel em Innsbruck, um “Tenho saudades tuas” e roupas pelo chão no corredor de casa, “Queres ir às compras?” e amor ao ar livre perto das quedas de água do rio Dunn. E o problema não era só isso não acontecer — não era, não — o problema, o grande problema quando amamos alguém, é que só essa pessoa nos poder dar o que queremos. E quando amamos alguém o que dela queremos é amor, do mesmo modo que quando vamos à farmácia queremos medicamentos. E houvesse um que nos fizesse esquecer quem amamos e não nos ama e aqui vos juro que o tomaria todo. As caixas que houvesse. Mas não havia. Nunca houve. Cheguei a dizer-lhe “Temos 50 por cento para isto dar certo. São os meus 50 por cento”.

Mas não havia forma de ela me dar percentagem, de negociarmos de algum modo um aumento, como tantas vezes fazem os líderes sindicais. O Arménio Carlos resolveria isto num tomo, mas eu não sou o arménio Carlos e duvido bem que a CGTP me pudes- se ajudar. Até que um dia ela me disse “Ouve, o problema não és tu. É ela”. Vou repetir. O que ela disse foi: O problema não és tu, é ela. E nesse preciso instante, abriu o tele- móvel que trazia na mão e virando o visor para mim mostrou-me quem ela era (se não se importam, vou fumar um cigarro para vos contar esta parte). Eu sentado a pensar na vida. Eu a ver a foto e a pensar naquilo em que estava metido. Ou naquilo em que não estava. Eu a dizer “ai a p*** da minha vida” e a abanar muito com a cabeça como se não tivesse entregue o boletim de voto. Eu a dizer cá dentro muitos palavões, daqueles in- decorosos que merecem pimenta na língua. Eu ou o resto de mim. Mais o resto. As coisas complicaram-se, sim. E a situação era delicada, sim. Aliás, não me perguntem porquê, mas imaginei-me nesse preciso instante a ir ao médico com ela para que este analisasse o nosso caso e depois de duas horas de impaciente espera no corredor, eis que o vejo — a ele, ao médico — a sair do gabinete, com a sua bata branca, cerimonioso, dan- do circunstanciais bafos no cachimbo, de passada firme até chegar a mim e dizer-me em tom circunspecto: Ouça, o prognóstico é muito reservado. Vá-se preparando para um cenário eventualmente pior do que imaginava. E eu com as mãos na cabeça como se tivesse perdido a minha fortuna. Eu com as mãos na cabeça por não ter entregue o bo- letim do Euromilhões que tinha justamente os números que agora haviam anunciado na televisão. Mas era ainda pior. Muito pior. À minha frente não tinha esse boletim com os números mágicos, mas o telemóvel dela e a fotografia que me apresentara. E a partir daí era nela que pensava, em ambas, é certo, mas sobretudo naquela fotografia e na forma como lhe poderia fazer uma circunstancial fotossíntese. E nesse dia pensei: O que pode dar uma mulher a outra que eu não possa? Que comportamentos terão? De que falarão elas? O que gostarão de fazer quando estão juntas? E buscando as respostas com a rapidez que me parecia necessária, mergulhei no mundo feminino de uma forma que nunca antes experimentara. Comprei revistas de mulheres, li toda a espécie de ho- róscopos, visitei lojas e experimentei roupas justas, escutei conversas sobre *personal trainers*, percebi finalmente porque andam sempre juntas, analisei minuciosamente como falam e de que falam, e cheguei á conclusão de que outra solução não me restaria do que comportar-me como uma delas, para justamente ter uma delas. E foi o que fiz. E ao contrário do que possam pensar, os resultados foram muito melhores do que eu próprio previra. Os dias passaram a ser mais intensos, as palavras mais acintosas, a con- versa mais fluida e exaltante, e de repente aumentámos para o dobro o tempo em que estávamos juntos, triplicámos as saídas, quadruplicámos os telefonemas e as mensa- gens, aumentámos tudo muitas vezes, tudo, tudo muito. Com excepção do que ela sen- tia por mim, que era muito pouco. E quando lhe perguntava se algo mudara, ela respon-

dia-me (esta parte deve ser ouvida com eco, em repetições cada vez mais distantes): “Sabes que te faltará sempre qualquer coisa. Que tu não me podes dar o que ela dá”. Repitam: “Sabes que te faltará sempre qualquer coisa. Que tu não me podes dar o que ela dá”. E eu ficava furioso e apetecia-me tomar todos os antidepressivos que houvesse no mundo. Convenhamos, a nossa relação era perfeita, os dias eram maravilhosos e eu sentia que tinha de fazer algo, uma jogada estonteante e imprevisível que levantasse um estádio, dois até, o Maracanã, Salt Lake, a Wembley Arena, e que de uma forma decisiva e absoluta me tornasse mais pleno a seus olhos. E se era ela que eu queria a minha vida toda, o que quer que fizesse seria também para toda a sua vida. E foi então que pensei: E se mudasse de sexo? Abandonasse este corpo em busca de outro? E se uma cirurgia me fizesse ficar mais completo ou, neste caso, mais completa aos olhos dela? Por que não? — perguntei-me. Se é a ela que eu quero, se é de mulheres que gosta, pois eu serei a mulher mais inteira que alguma vez encontrará — decidi. E assim fiz. E pensei que já nesta vida teria sido uma menina, porque me lembrava bem do meu progenitor me dizer frequentes vezes na infância “Um dia, quando cresceres, ainda vais ser um homenzinho”. O que provava que o não era na altura e fez com que isto mais não fosse que um regresso às origens. E então, tomada a decisão, disse-lhe em tom firme de quem não vai mudar de sexo coisíssima nenhuma: Ouve, vou desaparecer por uns dias, tenho uma viagem importante a fazer. Daqui a duas semanas regresso e verás que sou tudo o que desejas e ainda não sabes. Como sempre riu-se, como sempre não acreditou em mim, como sempre duvidou que eu seria capaz e não juntou mais por cento aos meus 50 por cento. Riu-se, foi o que fez. E acrescentou em tom jocoso que gostaria muito que esse dia chegasse, mas que haveria sempre algo que nos separaria, algo que me tornava incompleto. (Repetir como nos filmes: “Sabes que te faltará sempre qualquer coisa. Que tu não me podes dar o que ela dá!”) A decisão estava tomada e eu sentado numa janela perto da asa esquerda, em direcção a uma clínica de inquestionável reputação que me prometera confidencialidade e ajuda na escolha de um novo nome próprio. Chegado aí, ainda tentei ligar-lhe, ainda tentei que algo me demovesse, tive esperança que as suas chamadas não atendidas me dessem uma qualquer desculpa, me fizessem abdicar deste plano, como às vezes acontece com a chuva e o ginásio: “Olha, está a chover, pronto, não vou ao ginásio.” Mas isto não dá para mudanças de sexo: “Olha, está a chover, pronto, não vou mudar de sexo.” Isto era só eu a ganhar tempo. A decisão estava tomada; se eu queria ser um homem, teria que ser uma mulher. Assim fiz. Deitei-me na sala de operações sabendo que dormiria como Pedro e acordaria como Sónia. E mal acordei, nesse novo dia, imediatamente pensei em duas coisas: mudar o género no bilhete de identidade e ligar-lhe o quanto antes. E dando prioridade à segunda — por sempre ser ela a primeira — liguei de forma sôfrega o telemóvel. E foi aí, antes mesmo de conseguir marcar o seu número, que uma mensagem saltou no meu visor. Dizia isto: Cheguei à conclusão de que

te amo. Amo-te, ouviste? Não mudes nada. Quero-te como és para toda a minha vida.
Para sempre.

Este texto foi escrito de acordo com a antiga ortografia.

Para aceder aos restantes contos visite: [Biblioteca Digital DN](#)

